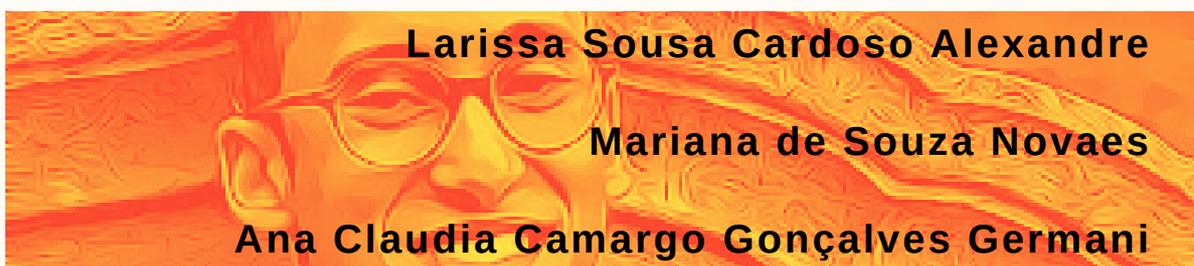
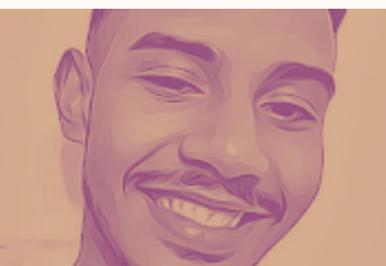
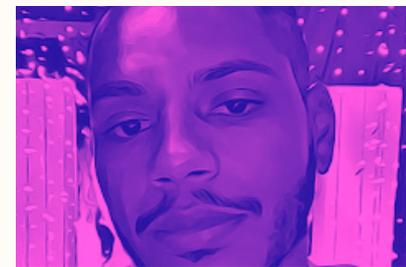




ROSTOS E VOZES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NEGROS

O QUE DIZEM SOBRE SUA SAÚDE

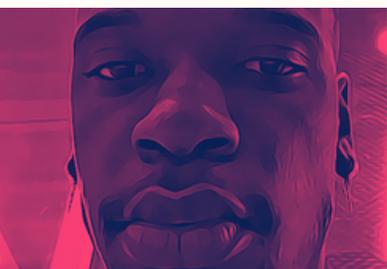




Larissa Sousa Cardoso Alexandre

Mariana de Souza Novaes

Ana Claudia Camargo Gonçalves Germani



**Larissa Sousa Cardoso Alexandre,
Mariana De Souza Novaes,
Ana Claudia Camargo Gonçalves Germani**

**ROSTOS E VOZES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NEGROS:
O QUE DIZEM SOBRE SUA SAÚDE**

**FACULDADE DE MEDICINA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
SÃO PAULO
2022**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Júnior.
Vice-reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda

FACULDADE DE MEDICINA - FM
Diretor: Profa. Eloisa Silva Dutra de Oliveira Bonfá
Vice-diretor: Prof. Paulo M. Pêgo Fernandes

Comissão de Inclusão e Pertencimento
Presidente: Prof. José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres
Vice-Presidente: Profa. Sílvia Maria Amado João

Divisão de Biblioteca e Documentação
Diretora: Eidi Raquel Franco Abdalla

Endereço para correspondência:
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Divisão de Biblioteca e Documentação - DBD-FMUSP
Av. Dr. Arnaldo, 455 – CEP 01246-903 São Paulo, SP
Tel.: (0xx11) 3061-7264
<http://www.fm.usp.br/biblioteca>
E-mail: biblioteca@fm.usp.br



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial 4.0 Internacional.
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Diagramação: Rafael Marques Geraldo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Alexandre, Larissa Sousa Cardoso
Rostos e vozes dos estudantes universitários negros: o que dizem
sobre sua saúde / Larissa Sousa Cardoso Alexandre, Mariana de
Souza Novaes e Ana Claudia Camargo Gonçalves Germani. -- São
Paulo : Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 2022.
il. 78p.

ISBN: 978-65-89288-05-3
DOI: 10.11606/9786589288053

1. Estudantes universitários 2. Saúde do estudante 3. Auto-percepção
I. Novaes, Mariana de Souza II. Germani, Ana Claudia Gonçalves III. Título.

NLM W20

Responsável: Erinalva da Conceição Batista, CRB-8 6755

ROSTOS E VOZES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NEGROS: O QUE DIZEM SOBRE SUA SAÚDE

O projeto buscou conhecer e divulgar a auto-percepção de saúde de estudantes universitários negros, compreendendo os problemas e as potencialidades a ela relacionados bem como seus sonhos. Entrevistamos 32 estudantes, de 5 cursos (enfermagem, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina e terapia ocupacional) e 10 instituições (4 públicas e 6 privadas).*

* FM/FoFiTO e EE (USP); Unifesp, Unicamp, Unesp, Unimes, Unicid, Santa Marclina, Santa Casa, Uninove, Einstein

ROSTOS E VOZES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NEGROS:
o que dizem sobre sua saúde



Lauri



Matri

ROSTOS E VOZES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NEGROS:
o que dizem sobre sua saúde

Prefácio

Como consta na primeira frase do resumo desse projeto intitulado “Rostos e vozes dos estudantes universitários negros: o que dizem sobre sua saúde”- A **Diversidade importa**.

E é com esse sentimento de importância e de muitos outros sentimentos acerca da diversidade (e aqui com foco na racial) que esse lindo projeto, ou posso chamar de aprendizado, é finalizado.

Quando foi concebido, estávamos em meio ao ápice da pandemia da COVID-19 e permeadas de incertezas e dores, conseguimos discutir e evidenciar essa temática pouco discutida, mas urgente em discussão.

Os rostos e vozes aqui contidos são de colegas de universidade, de curso, de área, de cor. E estão longe de serem as únicas vozes... Existem bem mais, (felizmente).

São vozes que falam em uníssono questões que são coletivas, porém bradam suas individualidades e visões de mundo de como ser negro em um ambiente que não está ambientado para nos receber.

São vozes que se valem muitas vezes das convenções da OMS para definir o que é saúde, mas quase sempre essa definição vem complementada de uma vivência única e afetiva, trazida na forma de escrivência, como Conceição Evaristo nos ensina.

Essa obra não vem trazer respostas concretas e objetivas sobre “o que dizem os estudantes universitários negros” sobre sua saúde, pelo contrário, ao ouvir e ao ler suas falas me enchi de mais inúmeras perguntas.

Mas saí com uma certeza: é por isso que a diversidade importa. Somos diferentes em vivências, mas nossa individualidade coletiva nos une em narrativa. Estar ao lado dessas histórias é estar ao lado da minha história também. Fico muito feliz de não estar sozinha nessa. Agradeço muito aos que toparam participar desse projeto. Espero que ele aqueça um pouquinho o coração de vocês como ele aquece o meu. Sem vocês, não teríamos nós.

Com carinho,
Larissa.

ROSTOS E VOZES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NEGROS:
o que dizem sobre sua saúde

Prefácio

A vontade pessoal de me envolver com este projeto nasceu de um desconforto. Um desconforto cotidiano, presente em cada dia na faculdade de medicina, após primeiros anos em que não me enxergava no papel de futura médica nem no papel do paciente padrão que aparecia em todos os slides, de todas as matérias. Um desconforto antigo, porque a realidade de agora não era tão diferente assim dos ecos do passado, onde muitas vezes fui desacreditada por eu (logo eu) tirar as notas que tirava e ter o desempenho que eu tinha. Afinal, desde a pré-escola, eu já tentava me enfiar em um lugar que insistiam em dizer que não era o meu. E em muitos momentos da minha própria trajetória eu enxerguei esse desconforto como algo individual. Talvez eu fosse muito crítica. Ou muito difícil. Ou simplesmente não me encaixasse de fato nos ambientes. Talvez a medicina fosse o lugar certo para mim, mas a Faculdade de Medicina não fosse.

E então, topei o projeto. E o que lidar com todos esses relatos me proporcionou foi a concretização de uma ideia antiga, que vinha crescendo na minha cabeça, desde o início do meu processo de afirmação da minha identidade racial: esse desconforto é um desconforto coletivo. Um desconforto que reverbera em todas as crianças negras, em todos os jovens negros, oriundo da máquina invisível, porém infalível, que é o racismo estrutural.

Mas parece ter algo além disso, um outro fio que liga todos os relatos aqui presentes, que faz com que as histórias e as narrativas se misturem, até mesmo com as minhas próprias: a força e o empoderamento trazido no ato de se reconhecer e de se aceitar. Esse que faz com que tenhamos sonhos tão altos, estejamos em várias instituições dentro das nossas universidades, que faz com que encontremos forças pra sustentar jornadas de trabalho junto com o curso, que faz com que a gente seja capaz de apanhar muitas vezes e nunca desistir.

É verdade que as coisas não deveriam ser dessa forma, não leia esse trecho como uma romantização de tudo que sofremos. Leia com um sorriso um pouco tenso, meio preocupado, mas um sorriso, por saber que todo esse desconforto tem produzido fagulhas imensas de pertencimento e esperança.

Espero que possa encontrar a beleza e a ternura dentro dos relatos (algumas vezes duros) das próximas páginas.

Com orgulho,
Mariana

ROSTOS E VOZES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NEGROS:
o que dizem sobre sua saúde

Sumário

I e II	—	Prefácio
09	—	Adriano Alves de Oliveira
11	—	Anna Clara Silveira Souza Koda
12	—	Beatriz Meneses Oliveira da Silva
15	—	Brenda Gabriele Silva de Jesus
17	—	Bruna Pereira Vieira
19	—	Carlos Henrique Araújo
21	—	Carolina Telles de Sá Almeida
22	—	Daniel Gomes dos Santos
24	—	Felipe Leonardo M. G. da Costa
26	—	Gabriela Pires Neves
28	—	Gabriela Ramos de Souza
30	—	Iago Pinheiro dos Santos
31	—	Igor Ferreira de Araújo Reis
33	—	Ives Vaz Caldeira Lopes
34	—	Jhonny Richard de Souza
36	—	Juliana Moreira Modesto Silva
38	—	Juliane de Souza Almeida

Sumário

- 39** — **Karoline Barbosa da Silva**
- 41** — **Lais de Campos Bento**
- 44** — **Larissa de Souza Rabelo**
- 47** — **Leonardo Martins Adriano**
- 50** — **Lucas Natan Izidoro da Silva**
- 53** — **Luis Fernando Brito Santos (Gão)**
- 55** — **Maíra Mello de Carvalho (Nalva)**
- 58** — **Mariana da Cruz Torquato**
- 60** — **Matheus Menezes dos Santos**
- 62** — **Maurício Cruz Furukawa**
- 65** — **Natalia Santos Farias**
- 67** — **Rafael Marques Geraldo**
- 70** — **Stephanie C. dos Santos Alves Marinho**
- 73** — **Vivian dos Santos Pereira**
- 74** — **Yan Robert**
- 76** — **Pós-facio**

Infelizmente a gente não vai poder vivenciar uma parcela grande da população na faculdade, da população preta na faculdade. Porque esse é um processo, né

muito se fala assim, por exemplo, na USP: mais de cinquenta por cento das pessoas são pretas. Ai você vai lá e olha na medicina, tem dois, três, né? As outras vagas foram fraudadas [...] As cotas, elas vieram muito tarde. No Brasil, a maioria é preta, e a gente só pôde falar sobre cota, com muita dificuldade e resistência, agora.



Adriano Alves

E ainda assim tem todo aquele tabu de que é vantagem

De que a cota para escola pública é vantagem também. Então, é definitivamente triste, mas eu acho que assim, é importante, eu acho que não é uma ação isolada (este projeto de pesquisa), mas é uma ação que tende a crescer.

E a gente falando sobre isso é muito importante para o processo.



Adriano Alves



Anna Koda

Mas eu acho que o maior sonho assim talvez seja trabalhar em alguma instituição tipo os Médicos Sem Fronteiras, Doutores da Amazônia!

eu acho que eu entrei na de medicina pensando nisso.

Na época que eu escolhi ser médica, quando eu descobri ser preta..., eu cheguei a conversar com a minha mãe, que eu nunca tinha sido atendida por médicos pretos. E aí uma coisa que eu estou gostando de viver em relação a isso é quando eu me deparo com pacientes pretos e que eles se deparam comigo. E aí é aquele reconhecimento. E como a gente também tem isso na universidade com todos os alunos.

Beatriz
Menezes



Tipo, é muito bizarro. Tem situações que a gente passa e que tem duas pessoas pretas nesse ambiente e que vocês não são necessariamente ligadas e você ouve uma coisa e você fala, meu Deus...

você olha e tem aquele reconhecimento. Acho que a gente estando num ambiente muito branco, muito elitista e que está o tempo todo falando que a gente não deveria estar ali. Porque a academia, a medicina, ela está o tempo todo falando que a gente não deveria estar ali, enquanto pessoa preta, enquanto mulher preta.

Eu vejo o quanto a gente mesmo que não organizados a gente consegue se ajudar. E eu acho que o que me salva, assim, de não ter tido desfechos piores...

Beatriz Menezes

o que me salvou foi isso assim, o que ainda me salva é isso, de ter pelo menos uma pessoa ali pra falar que eu não estou louca.

Que a gente passa pelas situações a gente acha que a gente está louco, que a gente está exagerando, que a gente está inventando coisa e aí ter pelo menos uma pessoa que olha e fala assim, oh eu também entendi isso aqui.

Ajuda muito nesses processos, né...

Beatriz Menezes



é aquela história
tem que sempre fazer
igual os meus colegas.

Então se eu falar alguma
coisa eu não sou é, acreditada,

então eu acho que são coisas que afetam
muito o físico...e nossa mente, porque você fala
alguma coisa e ninguém confia em você. Você
sempre tem que tá estudando mais e mais pra
te darem créditos.

É algo que cansa (...) Porque é cansativo você tem
que ser tentado se igualar ao nível de pessoas que
já tem privilégio
muito grande na sua frente.

Brenda
Gabrielle

Acho que meu maior sonho é me formar, e poder construir um futuro bom que eu tenha não só pra trabalhar, mas também que eu possa conviver com as pessoas que eu amo(...) poder estar principalmente com a minha irmã que tem oito anos pra ensinar tudo aquilo eu não aprendi tão fácil e sei que ela vai passar por outras coisas como eu e que ela passe isso com mais sabedoria e mais tranquilamente e que isso não desgaste tanto ela como me desgastou(...)

Além disso, também quero ver muita gente, muito preto entrando em universidade pública.. por mais que seja cansativo, esse espaço também é nosso. Preto, pobre, mulher, trans, todo mundo. Acho que acho que esses são os meus sonhos.

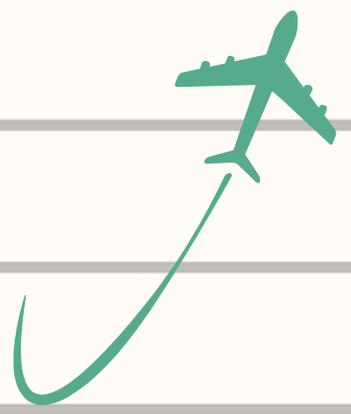
Brenda Gabriele



É muito mais a saúde mental, os sentimentos... como eu me sinto muitas vezes incapaz ou muitas vezes eu sinto que a minha realidade é muito diferente que aquele lugar não é pra mim que talvez deva desistir, fazer outra coisa, porque eu não me sinto completamente é... integrada naquele lugar.

Eu vejo muita coisa que machuca, muitas violências, muitas coisas que são ditas que não levam em consideração o meu estado psicológico e também a o lugar que eu venho, a minha raça.(...)

Bruna Vieira



O meu sonho é poder fazer um intercâmbio eu tenho desde antes de entrar na faculdade, quero conhecer outro país, mas eu acho que a melhor forma, eu acho que a estratégia mais fácil é através da universidade e eu espero, né, conseguir, espero conseguir aguentar.. a faculdade, aguentar essas violências ou aguentar todo o peso que um curso integral tem e realizar um sonho que é fazer intercâmbio.



Bruna
Vieira

E o que eu acredito ser saúde pra mim eu vou te responder com uma imagem.

Porque acho que diz muito mais do que qualquer definição que eu possa dar. E tem uma lembrança: eu era pequeno, estava na casa da minha tia, fazendo um bolo. Então ela na frente da pia, uma janela bem grande no fundo. O Sol batendo na janela e ela mexendo naquele bolo. Pra mim isso é saúde assim.



Carlos Araújo

Eu acho que é um sonho, o que eu tô batalhando
é para é que os meus Não tenham que vender
o almoço pra comprar a janta assim...

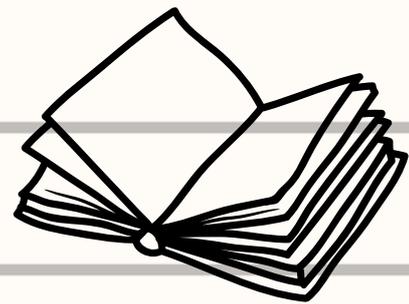
(...)E gosto muito da ideia de daqui há uns anos
estar dando aula em uma universidade..
também é outra coisa que me move!



Carlos Araújo

Fui estudar e todos os livros que eu peguei de medicina, falava sobre pele branca, como que se envelhece a pele branca, não tinha nada, não tinha absolutamente nada falando sobre pele negra. Parece que negros não envelhecem pra medicina. E aí isso me incomodou muito [...] E aí com o coletivo que eu fui atrás de um profissional pra dar aula sobre isso.

Carolina Telles



SAÚDE É O TOTAL DO BEM ESTAR FÍSICO, MENTAL E SOCIAL



Daniel Gomes

eu acho que um leva ao outro saúde mental pode englobar várias coisas (...) ter a possibilidade de ter um lazer tanto cultural quanto de outras formas.

Saúde mental como nosso dia a dia, sabe? Preocupações com as coisas de casa (...) minha relação com as pessoas da faculdade, o que a faculdade pode fazer para melhorar? e qual seu sonho?

O curso por ser integral acaba afastando colegas meus (...)

me sinto até controverso por falar disso, mas eu gosto do integral, porque me dá mais liberdade meu sonho sempre foi fazer uma faculdade que eu não precisasse trabalhar, que eu não precisasse contribuir enquanto estivesse estudando

meu sonho varia bastante, por enquanto é me ver formado. Mas atualmente meu sonho é ter uma família, tanto eu quanto minha namorada, ela faz arquitetura, a gente sempre sonhou tudo isso juntos A gente quer ter uma vida e proporcionar o melhor para os nossos filhos, (...) fazer pós, estudar fora.

Daniel Gomes

Ausência de um quadro patológico que não te que não te comprometa, entendeu? Eu acho que saúde é isso, bem-estar físico e psicológico. É claro que fazer atividade física e alimentação é fundamental pelo menos.

Sonho, cara (...) Meu sonho Lari é ser eu, sabia? Meu sonho é ser eu (...) eu me gosto muito mais. Eu pago um pau ferrado pra mim às vezes, sabe?



Felipe Leonardo

E o meu sonho é que eu possa sempre olhar pra dentro. Eu sei que é uma coisa muito utópica, muito vazia, mas é porque eu acho que vai me manter no caminho, sabe? Pra eu lá no futuro, quando tiver uma vida estável, não esquecer de olhar pra trás!

Não esquecer de ajudar alguém, não esquecer de dedicar parte do meu tempo pra quem precisa dele... E não esquecer de poder sentar, ouvir o problema de uma pessoa e eu não quero me afastar nunca de quem eu sou!

**ESSE É O
MEU
SONHO.**

Felipe Leonardo



Gabriela Pires

Saúde mental, sentimento de felicidade e qualidade de vida são fundamentais para uma saúde completa de um indivíduo

O fato de eu ser uma estudante negra em uma das faculdades mais elitistas do país afeta (e muito) minha saúde mental, com o fato de não me sentir pertencida a este lugar e achar que eu...



Gabriela Pires

preciso me provar e esforçar mais do que meus colegas afeta a minha saúde física com noites mal dormidas e cansaço intermitente.

Me formar e dar a vida que a minha família merece, não passar nenhuma vontade e nenhuma dificuldade mais.



Assim, eu me olhava no espelho antes, eu me olhava e não me identificava, eu não entendia quem era aquela pessoa. Hoje em dia a minha autoestima é totalmente mais sólida do que era antes. Antes eu só me sentia bonita de cabelo liso, nunca alisei com química, minha mãe nunca deixou, mas eu não me via uma pessoa bonita. Eu só achava pessoas bonitas que tinham cabelo liso.

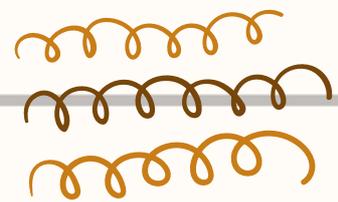
Gabriela
Ramos



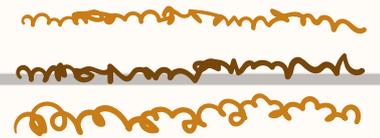
E aí isso tudo mudou drasticamente. Então, o meu cuidado hoje em dia é porque eu gosto de quem eu sou. Então mudou nesse quesito... eu aprendi a cuidar do que eu achei ali.

Eu comecei a tipo: tá, isso aqui vai fazer bem pra minha saúde.

Mas você quer ficar bonita só pelos outros, ou você quer ficar bonita pra você?



Não, eu gosto de cuidar do meu cabelo, eu gosto do meu cabelo, eu gosto da minha cor, e minha pele precisa de hidratante, sabe?



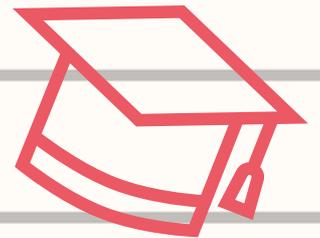
Essas coisas foram fazendo muito sentido depois que eu entendi que eu sou negra.

E aceitar isso.

Agora não me veio nada, mas eu vou deixar a ideia que foi o grande divisor de águas pra mim:

o maior ato revolucionário de uma pessoa negra dentro da universidade é sair da universidade com o diploma.

Iago Pinheiro



Não é normal, entendeu? Não é normal eu pegar o carro da minha mãe e parar na minha rua e estar sem jaleco no banco...e a pessoa me parar.

Principalmente federais. Colocar aquela lanterna que cega a sua cara e falar da onde tu é, o que tu está fazendo aqui, com o linguajar rústico. Não é normal! Policiais pretos, não é normal. [...] Na mesma rua, minha namorada, que é branca, loira, estar no volante, e aí eu ser o

passageiro e o policial vir perguntar se estava tudo bem e em nenhum momento me direcionar a palavra.

Igor
Ferreira



E a partir do momento que a gente se identificou como estudante de medicina, internos de medicina, eu saí do carro e comecei a chorar porque a pessoa que não é da minha raça, não vai entender.

Por mais que defenda, não vai entender o que é ser preto na pele.

Igor
Ferreira

Nossa. Acho que assim, sinceramente eu acho que meu sonho ainda é ir pro espaço em algum momento. Eu acho que talvez não mais como astronauta, talvez um turismo espacial, se isso for possível.



Mas fora isso, eu gosto muito da minha vida como está e eu queria que isso mantivesse ao longo do tempo sabe?

As pessoas sempre falam que o auge da tua vida é aos vinte anos e eu não queria que o resto fosse decadência então pra mim (risos) então é ir pro espaço ou manter assim, eu acho e eu gosto disso.



Quando você entra de longe e vem pra faculdade

demora um pouco pra

você ter a sensação de

pertencimento. Parece que... e

como se você estivesse na casa de um desconhecido...

Pensei que eu estava num ambiente que não era meu. Estava na casa de um vizinho,

que você nunca conversa. Então você fica sempre

com medo de fazer as coisas que as outras

pessoas fazem com mais naturalidade.



Thomny
Richard

Johnny Richard

A faculdade foi isso, a dificuldade que eu tinha de entender propriamente que era um espaço também meu, que eu fazia parte daquele espaço.

Então você tipo é um exemplo que eu tinha até lido uma vez lá o Stephen Hawking que seria saudável em algum grau porque conseguia atingir os objetivos e aí sentir realizado por completo, independente da forma com que o corpo dele está ou que qualquer outra coisa seja a sensação de se sentir inteiro, ele é saudável a minha concepção de saúde está muito relacionada a sensação de felicidade e funcionalidade.

Como é pra você estar nos ambientes? Você precisa se esforçar mais, né? Porque tem as pessoas que naturalmente pertencem a aqueles ambientes e que quando elas entram elas são recebidas de braços abertos.



Juliana
Moreira

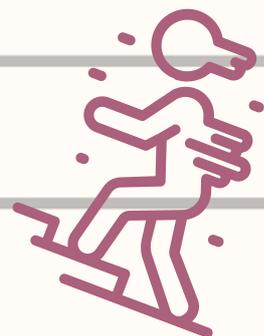
E quando você entra não. Quando eu quero entrar numa instituição da faculdade, quando eu quero fazer parte de alguma coisa acadêmica, é sempre uma surpresa, então você tem que se forçar ali e abrir os braços pra você mesmo.

Juliana
Moreira

Você tem que abrir suas próprias portas e se colocar e provar pras pessoas que você merece aquele lugar.

Isso é uma coisa que é a realidade, que eu já tô acostumada e aí parece que é o natural agora.

Eu acho que eu ia achar muito estranho ser apenas acolhida sem precisar de nenhum esforço.



O fato de ser negra afeta a minha saúde em diversos aspectos. Tanto quanto no acesso ao atendimento médico qualificado, que é resultado de uma construção histórica onde as pessoas negras da população não possuem acesso a maior parte das pessoas dentro da população. Não possuem acesso ao tratamento de qualidade e tem a sua saúde negligenciada em diversos aspectos quanto à questão de saúde mental. (...) existe uma luta diária de busca de espaço e pertencimento e entender que a cor da minha pele e meus traços físicos não são um problema.

Juliane Almeida



Bom, eu queria começar falando que nem sempre eu achei que eu ia fazer medicina. Eu venho de uma família super humilde que o único plano que nós tínhamos, na verdade, que minha mãe tinha ...



Karoline
Barbosa

...Era eu entrar em um trabalho pra poder ajudar em casa. Só que desde sempre, eu tive um desejo de ajudar as pessoas de uma forma muito diferente. E naquele tempo eu não sabia qual era, mas eu sempre tive esse desejo no meu coração, também sabendo a minha realidade...

Karoline Barbosa

...eu queria ajudar as pessoas que também vivem a mesma coisa que eu vivia. Mas vindo de uma escola pública, a ideia de fazer medicina de primeira, era impossível, era uma utopia [...] E aí no primeiro ano eu não consegui, consegui passar para enfermagem, mas aí acabei não indo porque eu consegui ter realmente no meu coração que o que eu queria era medicina e aí eu falei pra minha mãe: não, eu vou abdicar de mais um ano e vou tentar de novo [...] E aí, eu acho que em conjunto com essa tranquilidade que eles passaram eu consegui adquirir a minha bolsa.

E aí meu vô... ele me chamava de Nega Preta do vô e eu não gostava. Tipo, não gostava.



Lais de Campos

E ele falava assim, tá, mas você é branca? Ai... não lembro o que, eu não sei o que que eu respondia, mas ele sempre fazia essa pergunta e ficava nesse limbo, sabe? Então, eu fui crescendo e acho que eu não me preocupei com essas questões.
[...]

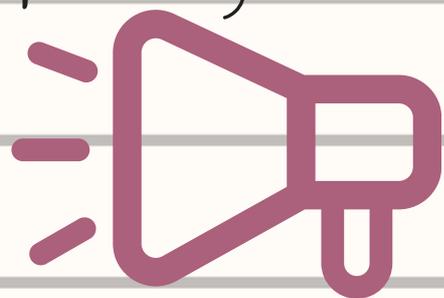
Lais de Campos

Antes de entrar na faculdade, eu passei a me intitular como preta e a tentar entender mais porque eu sempre fui muito... eu não sei bem essa palavra, porque eu nunca sei direito o uso dela, mas no sentido de que todo mundo, por exemplo, discute sobre racismo, mas eu nunca me posicionava, sabe?



Lais de Campos

E eu achava o máximo quando eu vi alguém, alguém negro falando. Explicando por quê, porque é errado e tudo mais, mas eu não conseguia fazer isso e eu sempre tive muita vontade. E aí depois de um tempo eu parei pra prestar atenção de que pra eu poder ser assim, pra eu poder agir dessa forma, eu precisaria estudar.



Aí eu comecei a ler livros, comecei a ver vídeos, comecei a perguntar pras pessoas, conversar e tudo mais e aí foi isso. Então, depois disso, a gente criou o coletivo na faculdade..

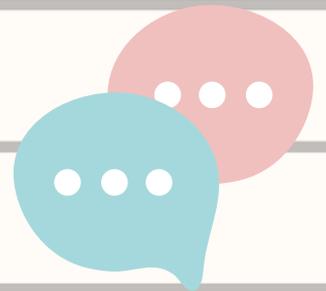
Eu estou saudável meus exames estão todos em dia, está tudo certo. Só que minha mente muitas vezes é o que atrapalha a minha sanidade, sabe?

(...) Mesmo que a gente tenha bolsa, é muito complexo, porque eu tenho que ajudar em casa também. Sou pobre, moro em periferia, sou a primeira a estar numa universidade pública.



Larissa
Rabelo

Ah, meu sonho é alcançar lugares que jamais foram alcançado por pessoas, independente se são pretas ou brancas, mas principalmente pretas, porque a gente não tem muita referência na fonoaudiologia. (...) Minha meta hoje em dia é terminar a faculdade, conseguir realmente terminar a faculdade e fazer residência.



Depois da minha residência pretendo fazer mestrado e lá na frente eu pretendo ter uma clínica com a Érika. A gente estava conversando pra gente ter uma clínica de reabilitação com pessoas pretinhas (...) Então acho que o processo é esse.

Larissa Rabelo

ESSE É MEU SONHO TENTAR FAZER A DIFERENÇA, SABE?

Porque não tem como falar assim ah ai eu não quero ficar pensando muito nesse lance de ai por eu ser eu ser a única, não sei, não tem como não vincular.

Larissa
Rabelo

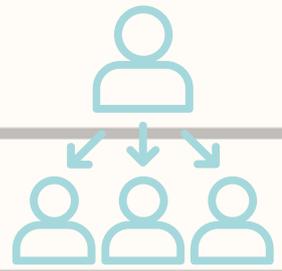
Acho que a melhor estratégia é você fazer amizades com pessoas da mesma cor. Isso me ajudou muito em relação à minha sexualidade. Melhorou muito quando eu fiz amigos gays que eu podia conversar sobre.

Ah! Teve uma vez muito interessante que eu estava indo conhecer a Sanfran e eu estava esperando um amigo, e aí eu estava com essa camisa, inclusive, que está escrito medicina bem grande, não é nada discreta, (...).



Leonardo
Martins

Ai me parou um cara negro, devia ter uns 50, 60 anos, e ele super empolgado assim: "nossa! você faz medicina na USP! Nossa, que legal!", ele era negro e falou: "Nossa, que legal ver pessoas como eu e você fazendo um curso tão elitista, numa universidade tão embranquecida e tal".



Eu achei muito legal ele ter me parado assim do nada, ele devia estar voltando do trabalho porque já era de noite.

Então, ele me parou, conversou comigo, também sobre essa questão de como era ser negro na faculdade e tudo mais.

Leonardo
Martins

(...)eu não sei se a maioria, mas uma grande parte do pessoal da limpeza da faculdade costuma ser negro, e eu acho muito interessante a maneira como alguns deles olham, pelo menos para mim...

eu não sei se é coisa da minha cabeça, mas eu sinto que eles olham com olhar de orgulho e a gente se cumprimenta, sabe, e eu sinto que o olhar deles é de orgulho mesmo, sabe, tipo, as coisas estão mudando ou algo do tipo. Então, isso é algo que eu acho muito interessante também.

Leonardo
Martins

PRA MIM SAÚDE É TER MEIOS DE TRAÇAR UM CAMINHO PESSOAL E SUBJETIVO NÉ? EM DIREÇÃO AO BEM-ESTAR.

O fato de eu ser negro com certeza afeta a minha experiência universitária. É, e digo mais, não afeta só a minha experiência na universidade. Mas durante toda a minha vida, afetou o meu acesso à saúde,

Lucas Pratan ao lazer, à educação, à cultura (...) na universidade é uma questão que é muito importante, é a permanência estudantil e como a universidade se propõe a pensar.



Na condição que o estudante está inserido naquele meio e como é a vida de um estudante que tem que sair da periferia pra ir para um um campus localizado em um lugar muito elitizado, longe.

Como é a vida de um estudante que tem que trabalhar, que tem que pagar aluguel, que precisa de uma ajuda financeira pra se manter na universidade.



Acho que essas questões tem que ser trabalhadas e pensadas... e não só pelos universitários, mas também a gente precisa cobrar quem pode fazer essa mudança

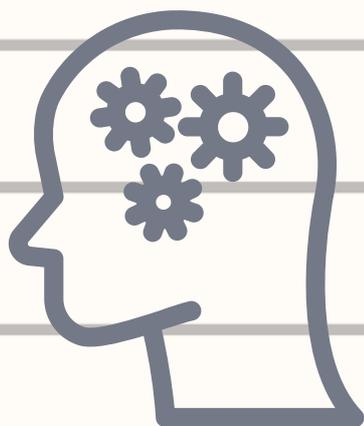
Lucas Natana

Atualmente o meu sonho é fazer a diferença.

E propor a fazer a diferença seja na minha família, diferença na minha comunidade, a diferença na universidade, diferença no trabalho.

Nos ambientes que nós estamos inseridos constantemente nós somos desmotivados a pensar além do que nos é imposto, do que nos é mostrado, do que está sendo veiculado.

Acho que esse é meu sonho atualmente e é uma coisa que eu quero levar além da minha graduação, além do meu trabalho, mas da minha construção como o indivíduo pensante, que se movimenta.



Lucas Pratan

RESISTA, RESISTA E CONTINUE..



(...)Um cara do centro cirúrgico do HC, ele me conheceu acho que no segundo ano. Ele lembra

Luis
Fernando
(Ojão)

de mim até hoje.. só passei aqui pelo segundo ano e no quinto. Eu cheguei no quinto ano ele falou "você fulano de tal já veio aqui lá no começo lembra?"

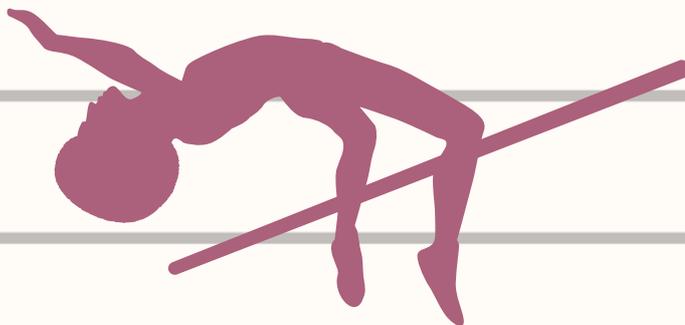
E aí você falou "isso mesmo continua, forma mesmo pra mandar em tudo esses cara aí. Da hora. Muito bom". E é isso.

ter essa experiência ajuda você a entender mais,
ter mais empatia com as outras pessoas

Mas acho que nunca falei em voz alta ó...

Eu acho que o nosso sonho é ser lembrado
por alguma coisa legal, sabe?...

As pessoas só morrem quando você esquece delas.



Luis
Fernando
(Gão)

Na estreia de Harry Potter, quando eu tinha dezessete anos, eu falei pra eu ir vestida de Angelina, que é a única personagem negra que tem na série. Ela tem três falas, mas eu vou vestida dela, sabe? (...) passar na Fuvest [...] era um bagulho muito inalcançável, era um lugar ideal de pessoas muito inteligentes, perfeitas e eu percebia que tipo eu não me via nesse lugar (...)



Malva Melo

Eu fico vendo as conversas (Núcleo Ayé) eu fico vendo como tipo foi criado uma rede de apoio na faculdade pra pessoas negras que era um bagulho que absolutamente não existia quando eu entrei.



E AÍ TIPO É MUITO DOIDO VER QUE UM ESPAÇO QUE ABSOLUTAMENTE NÃO EXISTIA QUANDO EU ENTREI HÁ SEIS ANOS AGORA EXISTE E É SUPER FORTE

Engloba tipo mais gente do que da medicina e é legal isso também porque na minha época tipo o meu grupo era muito restrito ao nosso curso (medicina) e aí por isso que eu acho que é tão importante ter grupos é como como aí coletivos que permitem essa identificação e esse reconhecimento ...



compreensão de que esse lugar é nosso também e eu não preciso me adequar a nenhuma outra coisa pra quem tem sair desse lugar, eu preciso existir e tá tudo bem, esse lugar é meu também. (...)

Se você gosta de quem você é, se você aceita, quem você é, você com certeza vai ter muito mais motivação pra ter estratégias de autocuidado e promoção de saúde, você vai correr atrás porque você está satisfeita com a pessoa que você é, não é isso? Acho que é isso.

Valva Melo

E eu participei, durante a graduação, de um monte de coisa, a gente montou muitos órgãos, foi montando a estrutura de uma universidade mesmo.



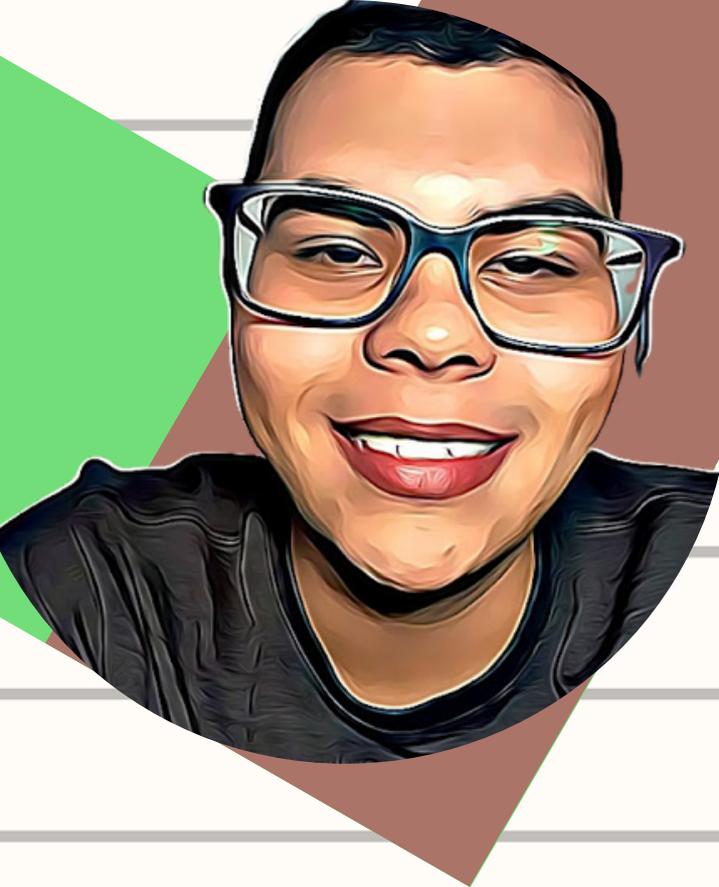
Mariana Torquato

Pra mim é muito legal... e me deu, de certa forma, uma ilusão de pertencimento ao longo do tempo. E porque eu me fiz presente, eu fiz questão de estar presente, sabe?

Mariana
Torquato

Só que em todos os lugares. Todos os lugares... essa necessidade de estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo, me mostrar em todas as instituições, todos os órgãos, e dando aula particular, porque eu precisava trabalhar, e dando aula em cursinho universitário, e ao mesmo tempo indo bem na graduação, foi uma sobrecarga que eu não tinha nem noção de que eu tinha atingido.





Mathews
Menezes

Eu comecei a ter um contato maior, assim, com a medicina (no trabalho) e eu gostava da rotina, eu via que o pessoal era legal, que dava pra você ser um médico gente boa. É engraçado que eu vi que tinham dois médicos negros lá e eu achava engraçado, mas comecei a pensar: não é impossível, assim, não é só gente rica que faz medicina.

Mathews
Menezes

Mas eu não sabia que existia faculdade pública, eu não sabia que existia essa possibilidade até essa época e aí eu fiquei pesquisando, pesquisando isso mais no ensino médio. [...]

Inclusive, no terceiro ano, eu prestei ciência da computação porque eu achava que não dava pra passar em medicina. E aí eu passei em ciência da computação, lá na federal da Paraíba.

Aí eu passei em uma pública, sabe?

É possível. E aí, depois de então, eu comecei a prestar só medicina.



Maurício
Cruz

Eu queria voltar lá na nossa infância, na nossa juventude, uma coisa que é importantíssima para o nosso entendimento é a nossa ancestralidade. Na escola, os caras são descendentes de qualquer coisa. A gente não é descendente de porr* nenhuma, a gente não sabe de nada, a gente não tem isso, não tem, a gente não sabe. Primeiro, porque a nossa história, tentam apagar ela a todo custo. Segundo, porque a gente realmente não aprende isso na escola.

Maurício
Cruz

E isso é algo que a gente vive na escola: os caras são descendentes de portugueses, de não sei o que, porr*, e a gente não é nada. Entendeu? Eu acho que isso é uma ideia muito dura pra uma criança preta. Isso é algo muito difícil de lidar.

Então, a primeira reação, e se juntando com todas as outras coisas. Piadas, aquela coisa horrível que a gente tem que passar.

Somada a essa questão da ancestralidade, culmina nesse estado de negação (da própria identidade), no primeiro momento.

Maurício
Cruz

Ainda mais se a sua família não tiver uma consciência racial tão apurada, aí que você vai tentar esconder a questão do racismo até uma hora que não vai dar mais.

E aí, na escola, que é um lugar que a gente deveria aprender, deveria normalizar essas discussões sobre raça, sobre a história, é muito pelo contrário... só piora, é lá que a gente está de cara com uma coisa terrível, não tem idade alguma, nem maturidade pra lidar com isso e acaba escondendo isso em algum lugar da consciência até que seja uma coisa que não dê pra ser escondida

Mais.

Bom, essa é a última pergunta de milhões, qual é o meu sonho? Eu acho que eu ainda estou em busca de(...)



Natalia Farias

mas é... pensando meio que num sonho que ainda está sendo construído, alguns itens que eu já sei que fazem parte desse sonho é tipo fazer diferença na vida de pessoas. Diferenças pequenas, diferenças grandes e não sei como que eu vou impactar cada um, mas eu espero impactar, de um jeito educado, de um jeito é... repleto assim de muita de muito conhecimento sim, muito conhecimento acadêmico, mas muita gentileza também.

É EU ACHO QUE EU QUERO TRANSMITIR MAIS DO QUE SÓ A CIÊNCIA QUE A GENTE APRENDE NA FACULDADE

Ainda está em muita constituição não sei ainda te dizer que é uma coisa certinha. Mas certamente está nisso de impactar, influenciar pessoas de alguma forma. Porque eu gosto muito de estar com pessoas. Eu sempre soube disso, sempre gostei, sempre gostei de me comunicar.. mais é sentir que você fez diferença e melhorou ou pelo menos escutou né? Uma pessoa e isso foi bom pra ela. Eu acho que é muito do meu sonho.

Natalia Farias



**EU ACREDITO QUE O
QUE FALTA PRA
GENTE ÀS VEZES É
REFERÊNCIA.**

Rafael Marques

Como a gente não tem um professor negro, como não tem pesquisador negro, como a gente não tem?

Pessoas negras que estão lá na diretoria, como a gente não tem um quadro e tal, acaba perdendo essa referência e a gente acaba tendo que aprender tudo na experiência própria e pessoal.

E isso é bem perigoso!

E o meu sonho (...) é que a faculdade tenha a mesma porcentagem de negros do Brasil ... dentro do corpo docente e discente. Acredito que a USP ela é muito avançada nos estudos científicos, mas ainda peca nessa parte de... recursos humanos.

Que ainda, é muito pouco abordado aqui, mas que já é muito aplicado no mundo e principalmente nas universidades que a USP tenta alcançar!

Rafael Marques

A USP tenta aumentar e tenta é... criar novas novas novos planos pra chegar lá no nos rankings de melhores universidades mas que esquece que sem diversidade, sem ter a representatividade da população brasileira dentro da da universidade não vai conseguir chegar lá.

(...) Eu acho que esse é o meu sonho de ter principalmente professores negros, enfim, pessoas negras e que a gente possa chegar na faculdade de ter essa motivação de de estudar e de contribuir, de aprender e etc.



Rafael Marques



Stephanie
Marinho

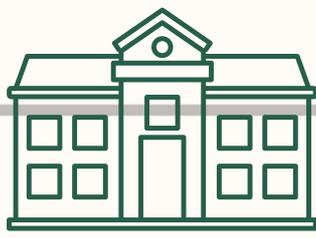
Eu acho que o meu sonho maior é a faculdade, não só a faculdade, a universidade mesmo assumir uma postura proativa, tanto no combate ao racismo quanto pra inclusão desses estudantes que estão chegando (...) A faculdade espera ter suicídio pra pensar na saúde mental do estudante de medicina. A faculdade espera ter um caso de racismo pra faculdade ver a importância de abordar esse tema e combater o racismo, mas ainda assim não de uma forma muito proativa (...)

a USP foi a última universidade a adotar o sistema de cotas. É importante sempre ressaltar isso, sabe? (...)

Então, assim, meu sonho pessoal, eu quero muito ir pra Harvard (...) Então, pra mim, olhando, é impossível, sabe? Tipo, eu não tenho condições de ir pra Harvard e eu sou uma pessoa negra, sou uma pessoa de baixa renda, então quer dizer, o sonho de Harvard é pra pessoas que tem condições, apesar da bolsa são pra pessoas que tem condições de ir, de se manter lá.

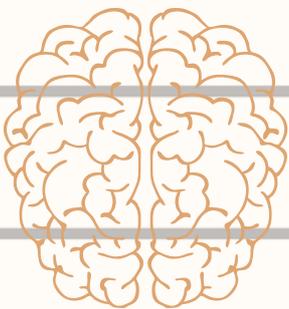
Não é pra gente como a gente que tá vindo de uma classe mais baixa, uma pessoa negra e tal, (...)

Stephanie
Marinho



Então eu acho que a faculdade precisa se antecipar a esse tipo de coisa porque você acaba perdendo mentes.

Tipo como você vai garantir que sei lá a pessoa que vai achar a cura da da AIDS não é uma pessoa negra que não está tendo a oportunidade de estudar, está fazendo oportunidade de pesquisar. Então, eu acho que são coisas que a faculdade poderia considerar. Isso que é meu sonho: quando começar a acontecer, que alegria!



Stephanie
Marinho

Vivian
Pereira



Penso muito assim em
autoestima mesmo, sabe?

Artistas negros, mulheres negras, ler essas pessoas,
ouvir essas pessoas, ver essas pessoas. Eu acho
que isso faz parte também do meu autocuidado. E
quando essa percepção aconteceu foram refúgios que
eu acho que eu busquei pra sair um pouco desse
lugar, depois de ter percebido ele como violento.

Eu sou só um pouco mais esperançoso pra falar a verdade pra você e acho que isso só vai acontecer quando a gente chegar lá. (...) não consigo ver uma mudança da própria faculdade (...) se a gente não chegar lá tipo pra pensar assim poxa aquele menino que está lá da rua ele não vai ter ninguém pra financiar a bolsa de estudo dele alguém vai ter que pensar nisso e essa coisa vai vim da gente mesmo.



Yan Robert

(...)daqui acho que a gente ocupasse esses espaços, a gente conseguisse poder o suficiente pra, sei lá, é uma fundação (...) Por exemplo, de financiar uma bolsa de estudos, meu sonho é sei lá, financiar uma bolsa e pegar, desde o ensino fundamental inteiro pra você financiar um ensino bom pra esse aluno, entendeu? Quando a gente está junto a gente é mais protegido. É, Eu tenho a Stephanie. Tenho vocês aqui (Rafael, Stephanie e Larissa). Então é como se a gente protegesse um ao outro quando a gente é livre. Então essa coisa vai acontecendo naturalmente. Eu, o Mateus, Will, a Lidice, a gente vai se auto defendendo assim, como se fosse a comunidade. É muito legal essa coisa.

Gian Robert

Pós-facio

Quando uma pessoa não recebe o devido reconhecimento como alguém que merece amor, direitos e estima social isso é vivido como um profundo sofrimento, um sentimento de desrespeito, de invisibilidade, que marca as biografias das pessoas, levando inclusive a danos importantes à sua saúde física e mental, já nos alertou o filósofo político Axel Honneth. Mas esse mesmo filósofo nos lembra também que, quando essas experiências deixam de ser vividas solitariamente e passam a ser compartilhadas, percebidas e manejadas não como uma situação individual e sim coletiva, fruto de relações sociais opressoras e injustas, então ela se torna a mais importante força transformadora da sociedade!

Eis porque saúdo com tanto entusiasmo esse belíssimo trabalho de Larissa, Mariana e Ana Cláudia, e a generosidade de todas, todos e todes que participaram compartilhando suas experiências e sonhos! Infelizmente a realidade é que parcelas importantes da sociedade brasileira ainda se sentem “fora de casa” em instituições que deveriam ser seu ambiente mais inclusivo: as instituições formadoras, a universidade entre elas. É triste ver que a experiência de não reconhecimento ainda atravessa a experiência da juventude negra que vem progressivamente habitando o espaço da FMUSP. Mas por outro lado, quanta alegria e esperança ao ver que essa presença vem se revestindo do sentido não apenas de resgate de uma dívida social histórica, mas também, e sobretudo, de uma ação transformadora, de um movimento coletivo, sensível e potente que nos levará a um novo patamar de sociabilidade. E muito importante também observar nos depoimentos aqui recolhidos, é como esse movimento transformador alcança, e certamente impactará, a qualidade e a extensão das nossas concepções de produção de conhecimento, de ensino e de cuidado em saúde.

Que muitos mais venham se juntar a esse movimento! Que saibamos sempre mais identificar, incluir e produzir o comum com os grupos sociais excluídos, social e politicamente. Que saibamos sempre mais identificar nossos preconceitos e nossas práticas discriminatórias e desrespeitosas e superá-los. Que trabalhos como este produzam sempre mais transformação, vida e alegria na pluralidade de nossa vozes e rostos.

José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres

Pós-facio

Somos histórias. Chimamanda Ngozi Adichie, bell hooks, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo e outras escritoras nos provocam a pensar sobre o perigo da história única e a força de narrar as histórias, pessoais e das pessoas ao redor. Acontecências. Escrevivências.

Participar deste projeto foi, para mim, um momento para conhecer rostos, vozes e histórias. Começamos a ouvir as histórias na pandemia de COVID-19, tempo desafiador em diferentes camadas, de muitas dores e perdas. Dentro deste turbilhão, reconheço e agradeço o empenho da Larissa e Mariana com o projeto e a generosidade que permeou os encontros com cada participante. A confiança entre pares sustentou as conversas, a confiança entre as estudantes e eu, no papel de orientadora, validam o meu lugar, de escuta e de ação.

A organização das falas espelha o compromisso ético e estético, no âmbito individual e também com grupo de estudantes negros, cientes da força do coletivo. As falas trazem conquistas, feridas, hostilidades. Escutei inquietações e provocações sobre a complexidade e a diversidade das experiências dos estudantes negros. Lanço o convite para que os leitores, ouçam e encarem a necessidade e o desafio de estender a conversa, em seus círculos de convivência e em suas instituições.

Neste aspecto é importante marcar que o projeto Rostos e Vozes contribui com esforços do Núcleo de Ética e Direitos Humanos da Faculdade de Medicina da USP e da recém-criada Pró-reitora de Inclusão e Pertencimento da USP. É urgente avançarmos! Em aspectos institucionais e interpessoais.

Na obra Olhares Negros: raça e representação, bell hooks diz que o olhar sempre foi político em sua vida. Espero que o contato com os rostos, vozes e histórias toque e estimule mais e mais olhares críticos e conscientes sobre as mudanças necessárias para a inclusão e o pertencimento dos estudantes negros no ambiente universitário. Inclusão que beneficia toda a comunidade.

Ana Claudia Camargo Gonçalves Germani

Obrigada

Agradecemos a cada um e ao grupo que compôs a iniciativa "Rostos e Vozes dos estudantes universitários negros: o que dizem sobre sua saúde".

Esperamos promover reflexão e debates que contribuam para a transformação social necessária para a superação da discriminação e preconceito racial, presentes na sociedade brasileira. Na década para a Ação da Agenda 2030, seguimos a proposta feita por Cabral e Gehre (2020) no Guia 2030: Integrando ODS, Educação, Sociedade: queremos reimaginar os ODS dentro da realidade latino-americana. Para tanto, apoiamos o ODS 18- igualdade racial, com a "erradicação de todas as formas de discriminação racial contra todos os homens e mulheres, meninos e meninas em toda parte" (p164).

Reforçamos a importância da manutenção e ampliação da Lei 12.711, a Lei de Cotas, que completou 10 anos dia 29 de Agosto. Sem essa lei, muitos dos rostos aqui representados não estariam.

Agradecemos imensamente, também, dois dos nossos maiores apoiadores: o Núcleo Ayé, coletivo negro da Faculdade de Medicina da USP e o Núcleo de Ética e Direitos Humanos (NEDH) da Faculdade de Medicina da USP, pelo incentivo inicial, apoio nas fases de recrutamento e por todo o trabalho antirracista que desempenham em nossa instituição.

**Desejamos que os encontros e diálogos
sigam, reunam e amplifiquem
mais e mais vozes e rostos**

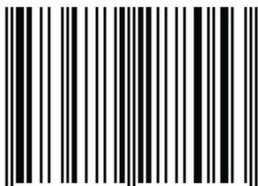
Apoio

Projeto de extensão selecionado em 2020 e 2021 pelos Editais do Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Estudantes de Graduação (PUB) que integra a Política de Apoio à Permanência e Formação Estudantil da USP.

**ROSTOS E VOZES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NEGROS:
o que dizem sobre sua saúde**

ISBN: 978-65-89288-05-3

CDL



9 786589 288053